

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

## NICOLAU CLENARDO HEBRAÍSTA

Clenardo, humanista e pedagogo flamengo, nasceu em Diest em 5 de Dezembro de 1493 ou 1494. Na Universidade de Lovaina, onde se licenciou em Teologia em 1519, ensinou grego e hebraico a partir de 1520<sup>1</sup>.

Depois de ter estado algum tempo em Paris, em 1530, viria a deixar em 1531 Lovaina em direcção a Espanha, tendo leccionado em Salamanca, particular e publicamente, em 1533.

Foi André de Resende quem o convidou a vir para Portugal, em fins de 1533, a fim de ser mestre do infante D. Henrique, arcebispo de Braga, o qual então residia em Évora com a Corte. Clenardo chegou à cidade alentejana em Dezembro daquele ano.

Mas a sua docência não se limitou a Évora. Também em Braga o vemos a leccionar as línguas eruditas em 1537. A influência do humanismo em Portugal encontrou em Clenardo um promotor de relevante importância. O nosso país muito lhe ficou a dever.

---

<sup>1</sup> Clenardo escreveu as seguintes obras: *Tabula in Grammaticam Hebraeam*, Lovaina, 1529; *Institutiones in Linguam Graecam*, ibid., 1530, que foi muitas vezes reimpressa na íntegra ou em parte, ou associada às obras seguintes: *Meditationes Graecanae*, Paris, 1531; Lovaina, 1531; *Titi Livii Patauni... Decadis Primae liber i... in formam Enchiridii redactus*, Salamanca, 1533; *Institutiones Grammaticae Latinae*, Basileia, 1538. Há inda a registar as seguintes obras póstumas em (flamengo): *Cleynaerts: Epistolarum Libri Duo*, ed. por C. CLUSIUS, Antuérpia, 1566. No séc. XVI fizeram-se ainda quatro edições das cartas, três anteriores a Clausius (menos completas) e uma posterior.

BIBLIOGRAFIA: V. CHAUVIN e A. ROERSCH, *Étude sur la vie et les travaux de Nicolas Clénard*, Bruxelas, 1900; D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, t. I: *Clenardo e a Sociedade Portuguesa* (com a tradução das suas principais cartas), 4.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1974; t. II: *Clenardo. O Humanismo. A Reforma*, nova ed., ibid., 1975 (a 1.<sup>a</sup> ed. destas obras é de 1917-18); A. ROERSCH, *Correspondance de Nicolas Clénard*, 3 vols., Bruxelas, 1940-1941; JOAQUIM DE CAR-

Nas suas cartas nota-se o vivo desejo que o animava de aprender o árabe, pois tencionava levar a efeito uma cruzada pacífica a África com vista à conversão dos muçulmanos ao cristianismo. Para esse fim, esteve primeiro em Granada (1538) e depois no Norte de África, mais propriamente em Fez, em 1540<sup>2</sup>.

Regressado a Granada em Janeiro de 1542, aí viria a falecer em Setembro de 1542 sem ver realizado o seu sonho de voltar ao continente africano.

Como escreveu o Prof. Costa Ramalho acerca do humanista: «Clenardo é uma figura simpática, pelo seu desprendimento material (raro nos humanistas), pela sinceridade do proselitismo religioso e pela genialidade da vocação pedagógica, no ensino das línguas sábias. Algumas das suas cartas são de extraordinária importância para o conhecimento do ambiente cultural, económico e social português, nos anos trinta do séc. XVI»<sup>3</sup>.

À figura e obra de Clenardo dedicou o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, antigo professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e depois cardeal-patriarca de Lisboa, um notável estudo que ainda hoje nos merece a maior admiração.

Clenardo na sua passagem por Coimbra manifestou o enorme desejo que sentia para que em Santa Cruz fossem criados os estudos do árabe e do hebraico. E numa carta datada de 6 de Dezembro de 1537, de Braga, dirigida a Fr. Brás de Braga, escreveu acerca do hebraico: «Com relação aos estudos de hebraico não mudo de pensar,

---

VALHO, «Uma Carta de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo», in *O Instituto*, 73 (Coimbra, 1926), 237-254, artigo que foi reeditado na obra *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Séc. XVI*, t. II, Coimbra, 1948, pp. 89-110; MÁRIO BRANDÃO, «Duas Cartas de Nicolau Clenardo», in *Biblos*, XII (1936), pp. 106-144, as quais foram incluídas no t. II da referida obra de D. Manuel Gonçalves Cerejeira; J. MENDES DE ALMEIDA, «Institutiones Grammaticae ex Clenardo» (a 1.ª ed. da portuguesa da Gramática Grega de Clenardo), in *Revista da Faculdade de Letras*, vol. XXII, 2.ª série (Lisboa 1956), pp. 177-186; M. BREDÁ SIMÕES, «Un pédagogue du XVI<sup>e</sup> siècle — Nicolas Clénard», *ibid.*, III série, 4, 1960, pp. 56-78; A. DA COSTA RAMALHO, «Clenardo (Nicolau)», in *Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 5, cols. 704-705. L. BAKELANTS e R. HOVEN, *Bibliographie des oeuvres de Nicolas Clénard (1525-1700)*, Paris, 1981-82; JOAQUIM DE VASCONCELOS, *Cartas de Nicolau Clenardo e seu círculo literário*, s.l. e s.d.

<sup>2</sup> Vid. as suas cartas e a nota

<sup>3</sup> Cf. artigo citado in *Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*.

nem tenho outro desejo que não seja, antes do meu regresso à pátria, deixar alguns discípulos em Coimbra. A realidade, porém, força-me presentemente a prender-me com outros cuidados. Desculpa e não duvides da minha palavra. Daqui não me é lícito levantar vô senão passando por Coimbra»<sup>4</sup>.

Aliás, nas suas cartas a Francisco Hoverio, João Vaseu, Latomus, Rescio, Políte, Martinho Vorda, D. João Petit, etc. encontramos frequentemente alusões à importância dos dois idiomas, além do latim, evidentemente, quase sempre dentro de uma preocupação de fazer apostolado entre judeus e muçulmanos<sup>5</sup>.

Hoje não temos a menor dúvida de que se ficou a dever à sua influência a criação da cadeira de hebraico em Coimbra. E a sua gramática, *Tabula in Grammaticam Hebraeam*, editada em Lovaina, em 1529, deve ter sido livro de texto de aprendizagem daquele idioma durante todo o séc. XVI. A primeira gramática hebraica escrita por um cristão e impressa em Portugal é a de Francisco de Távora, que foi editada em Coimbra em 1566<sup>6</sup>.

Os estudos hebraicos entre cristãos ficaram a dever-se em grande parte ao aparecimento das gramáticas de Pellicanus e de Reuchlin, nos inícios do séc. XVI, autores respectivamente *De modo legendi et intelligendi Hebraea*, Basileia, 1503, e *De Rudimentis Hebraicis*, Pforzheim 1506. Seguiram-se F. Tissard, A. Giustiniani, Sanctes Pagnino, S. Münster, etc. Merece uma referência especial a produção literária neste domínio de Pagnino, em particular o *Thesaurus Linguae Sanctae* (Lião 1529), a *Isagoge ad Sacras Litteras...* (1528), *Ad Mysticos Scripturae Sensus* (1536), as *Hebraicarum Institutionum Libri Quatuor*

---

<sup>4</sup> MÁRIO BRANDÃO, «Duas Cartas de Nicolau Clenardo», in *Biblos*, XII (1936), pp. 106-144, as quais figuram também na última edição da obra de D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA (vol. I, pp. 314-315).

<sup>5</sup> Cf. obra citada na nota 1 de A. ROERCH.

<sup>6</sup> Sobre os estudos hebraicos em Portugal, vid. o nosso trabalho, *O Estudo do Hebraico em Portugal no Século XVI*, Coimbra, 1973; temos em via de publicação um artigo intitulado «Les Études Hébraïques à l'Université de Coimbra (XVI<sup>e</sup> Siècle)», que aparecerá nas *Actas do Colóquio sobre o Humanismo em Portugal (1500-1580) e a Europa*, realizado em Tours, em 1978. Aí apresentámos a comunicação a que se refere o artigo. De notar que a edição da Gramática de Hebraico de Clenardo de 1581, que será também objecto do presente estudo, tem ao longo do texto e no fim bastantes notas manuscritas, possivelmente do professor de hebraico do Colégio de Jesus, com a data de 1563.

(uma quase completa de R. David Kimchi), e a *Catena Argentea ad Pentateuchum*. Os exegetas portugueses do séc. XVI utilizaram amiúde os trabalhos de Sanctes Pagnino, em especial o *Thesaurus*, que é um léxico hebraico, «nullis antea saeculis visum, in quo non modo ordine alphabetico, verum etiam secundum seriem coniungationum ac nominum, et eorum cum pronomibus affixiones, et cum litteris deservientibus varietates, miro artificio, tanta copia Hebraeas congesimus voces, ut illi et Hebraei ipsi invidere possint» (prefácio) <sup>7</sup>.

Mas não se devem esquecer igualmente os autores judeus que escreveram trabalhos gramaticais e lexicográficos de hebraico: Elias Levita, Abraham de Balmés, Moisés Provençal, Emanuel de Benevento, etc..

A *Poliglota de Alcalá* que teve no cardeal Cisneros o seu grande patrocinador e mecenas, concluída em 1519, constituiu outro marco importante no progresso dos estudos hebraicos na primeira metade do séc. XVI <sup>8</sup>. É um verdadeiro monumento da ciência e erudição.

Aqui deixamos alguns exemplos em que se manifesta o interesse de Clenardo pelas línguas eruditas: na dedicatória ao leitor dos *D. Ioannis Chrisostomi... dialogi sex* (ed. de NICOLAU CLENARDO, de 1529) com data de 1 de Agosto de 1529: «Cum tantum habeat nomenti linguarum peritia in omne disciplinarum genus, tamque in aperto sit posita cognitio, tamen uideas plerosque quorum uel maxime interest non tam odio quam desperatione quadam praepediri, quominus rei in primis frugiferae curam aliquam impendant, homines, meo quidem iudicio, non castigandi, sed modis omnibus in spem uotorum erigendi, ut gestientibus in uirtutem animis opem aliquam pro nostra uirili feramus. Quam nos nuper dum sedulo praestare uolumus, tabulam edidimus in grammaticam Hebraeam, ac priuatim publiceque facto periculo tam feliciter hunc conatum cessisse sumus experti, ut, uixdum exacto trimestri, tamen adminiculo huiuscemodi institutionis non deessent qui de familiaribus negociis epistolas Hebraeas scriptitare auderent, cum plurimi annos aliquot in id facultatis opus esse putarent». A continuação do texto é uma apologia das línguas clássicas. Recordá-

<sup>7</sup> Sobre este ponto, vide, entre outras, a obra *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day*, Cambridge, 1963. A edição é dirigida por S. L. GREENSLADE.

<sup>8</sup> Sobre esta obra, vide MELQUIADES ANDRÉS, *La Teología Española en el Siglo XVI*, 2 vols., Madrid, 1976 (com abundante bibliografia).

de certo modo, o que Erasmo escreveu acerca das mesmas na sua *Ratio perveniendi ad veram Theologiam* e nas *Praefationes*.

Na carta a Latomus, de 26 de Março de 1535, escrita de Évora, diz que durante as refeições se lêem passagens do Antigo e do Novo Testamento, em hebraico e em grego. Refere-se a Erasmo várias vezes, em especial à sua edição do Novo Testamento, a Budé, a Nebrija, etc.

A carta a Joaquim Polite, escrita em Évora, em 8 de Julho de 1537, fala da importância do conhecimento do árabe. Alude a Coimbra e à sua Universidade algumas vezes, elogiando a obra iniciada pelo Rei Piedoso e insiste na necessidade de aprender o hebraico e o árabe.

Acerca do árabe, escreve na carta dirigida a Latomus, escrita em Granada, em 12 de Julho de 1539: «Primum legendum esse Alcoranum: deinde Sunam; et stultum oppugnare, quod non plane perspexeris...». As referências ao islamismo são frequentes. Assim na carta escrita a D. João Petit, em Fez, em 4 de Dezembro de 1540, diz: «Venio ad alia, quae velim D. T. propius aspiciat. Et si Rex nihil indignum faceret animo et proposito suo, si magna etiam pecunia constitueret Conimbricae professionem Arabicam: tamen de hoc nihil agam in praesentia. Spero enim per gratiam Dei, me sic omnia moderaturum, ut meo proposito Principes viri sint auxilium laturi: et quemadmodum nuper scripsi, Academiae Christianorum contra Machometum pugnent vel invitae».

E passa a falar do hebraico: «De hebraicis literis consilium ineundum est, non quidem ut rectius intelligamus vetus Testamentum, sed ut sint inter Christianos, qui sic caleant Hebraice, ut et voce et calamo galeant pugnam capessere. Vivo hic inter Iudaeos, qui longe magis mirantur esse Christianos, quam nos miramur esse aliquos adhuc Iudaeos. Quid mirum? nihil enim sciunt de nobis, nisi quod strenue Iudaeos comburimus. Quod si tanti sumptus fierent in Hispania servandis Christianis novis, quod fiunt perdendis: credo non sic quotidie huc fugerent. Ita Franciam, Flandriam ac caeteras nationes ornari literis Hebraicis pulchrum est, scilicet ut rectius intelligant vetus Testamentum. In Hispania vero ubi linguarum studia frigent, propter ingentem turbam causificorum, praeter alia commoda, hoc quoque nomine vigere deberent hae literae, ut fides Christiana purior esset. Si mali sunt Hebraeorum libri, ab ipsis cremabuntur Iudaeis, ubi eos reddideris Christianos. Apostolorum praedicatione perierunt idola, nec tamen ipsi simulachra tradiderunt ignibus, sed fidem Christi animis hominum studuerunt indere. Nullos Apostoli sedibus suis expulerunt.

Nos Iudaeos exegimus ex Hispania, quo fructu? ut falsos Christianos traderemus ignibus et reliquos sineremus vivere in Africa. Quanto melius fuerat, eos servare servos, quam tam multos comburere liberos? Quare quando meo consilio res moderabuntur, id est, ad Calendas Graecas, repente novus erit orbis, et revocabuntur Rabini aliquot Iudaeorum, ut inter Christianos ferveat lingua Hebraica. Quo sumptu alemus Professores? Multa millia profundit Rex in istas sanguisugas, quarum studio mundus fervet litibus, et ea pecunia serviet Professoribus linguarum. Ipsos autem causificos mittemus Fesam, ut discant una diecula finire maximam controversiam. Id enim hactenus ignoraverunt.»

E prossegue o seu pensamento: «Quod si sciant et nolint, universos adigemus in crucem, ut quiescamus a litibus. Extra iocum, facile Rex adduci possit, ut insignem aliquem habeat Iudaeum, qui doceat Conimbricae. Iudaeum? Quid ni? Sunt hic Fesae doctissimi, qui sic callent Hispanice, ut ego Flandrice. Deinde et aliud est quod forte moveat inquisitorem maiorem. Iudaei plus tribuunt ferme suo Talmud, quam his XXIII. libris, quos vocamus vetus Testamentum, estque eorum totum studium in rebus Talmudicis. Si non ob aliud, certe hac gratia tamdiu Iudaeus quispiam alatur apud Inquisitorem, donec totum Talmud habeat conversum in linguam vernaculam, ut suis oculis videre possit, quoties Inquisitoris fungetur officio. Insunt in iis libris multa alioqui digna lectu nec iniuncunda».

E referindo-se aos livros que se conservam nas bibliotecas dos cristãos: «Quod si Bibliothecam nostram ornamus gentiliū libris, Platone, Aristotele, atque etiam Homero et Luciano, cur non aderunt ii libri, in quibus pugna est de religione? Nihil tam confutat vel Mauros vel Iudaeos, quam istiusmodi eorum codices. Alioqui quae vulgo a Concionatoribus contra eos iactantur, saepe valde sunt inania et praestare tacere, quam ridiculum agere patronum sacrossanctae nostrae fidei».

E podíamos apontar outros textos deste tipo. Clenardo manifestava-se sempre defensor acérrimo do conhecimento das línguas hebraica, grega e árabe (e naturalmente) latina, e apologeta constante do pacifismo no tratamento com judeus e muçulmanos. Está, pois, na linha do irenismo erasmiano e no polo oposto dos fautores do cruzadismo<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Cf. J. V. DE PINA MARTINS, *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudo e Textos*, Paris, 1973, pp. 17, 59, 68, 94 e 95.



Erasmus diz, a certa altura, no seu *Querela Pacis*: «Jam audio quosdam ita tergiversantes, ut negent se tutos esse posse, nisi vim improborum acriter propellant. Cur igitur inter innumeros Imperatores Romanos, soli Antonini, Pius et Philosophus, petiti non sunt? Nisi quod nemo tutius regnat, quam qui paratus est et deponere utpote quod Reipublicae gerat, non sibi. Quod si nihil vos movet, neque naturae sensus, neque pietatis respectus, neque tanta calamitas, certe Christiani nominis probrum animos vestros in concordiam redigat. Quota mundi portio tenetur a Christianis? Atque haec tamen est illa civitas in edito monte sita, spectaculum facta Deo et hominibus. At quid sentire putandum est, quid loqui, quae probra in Christum evomere Christiani nominis hostes, ubi vident Christianos sic inter sese concertare, levioribus de causis quam Ethnici, crudelius quam impii, machinis tetrioribus quam ipsi? Quorum inventa est bombardas? Nonne Christianorum? Et quo res sit indignior, his induuntur Apostolorum nomina, insculpuntur Divorum imagines. O crudelis irrisio. Paulus ille pacis hortator perpetuus, Tartaream machinam torquet in Christianum? Si cupimus Turcas ad Christi religionem adducere, prius ipsi simus Christiani. Numquam hoc illi credent, si quod est, perspiciant nusquam magis saevire, quam apud Christianos, id quod Christus unum omnium maxime detestatus est. ....Quonam ore praedicabitis eis Christum pacis auctorem, ipsi perpetuis dissidiis inter vos tumultuantes? Jam quos putatis animos addit Turcis vestra discordia? Nihil enim facilius quam vincere dissidentes. Vultis illis esse formidabiles? Concordes estote. Cur ultro vobis et praesentis vitae jucunditatem invidetis, et a futura felicitate vultis excidere?»<sup>10</sup>

Na secção de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cota RB-41-19) existe a primeira edição da *Tabula in Grammaticam Hebraeam* de Clenardo; e ainda na mesma Biblioteca (cota 1-(23)-2-47) a edição de Colónia (1581) daquela gramática juntamente com as *Observationes in Linguam Hebraicam* de Sanctes Pagnino (Paris 1546)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> ERASMUS VON ROTTERDAM, *Ausgewählte Schriften*, ed. por W. WELZIG, vol. V, Darmstadt, 1968, pp. 440-442.

<sup>11</sup> Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existem as seguintes obras de Clenardo: *Grammatica Graeca*, Lião, 1691 (cota: 1-(23)-12-190); *Institutiones Grammaticae Latinae*, Salamanca, s.d. (1-(23)-36); *Introductio in Graecam Linguam*, Lião, 1621 (1-(23)-1-2); *Epistolarum Libri Duo*, Antuérpia, 1566 (R-18-6);

Clenardo não ensinou hebraico em Coimbra, pelo menos oficialmente. Os primeiros professores desta língua foram, muito possivelmente, Mestre Eusébio, italiano, e Edmundo Roseto, francês. A cadeira deve ter começado a funcionar em 1537-1538. Também se põe a hipótese de terem sido os pioneiros desse ensino Pero Henriques e Gonçalo Álvares<sup>12</sup>.

Mas embora não tivesse ensinado, contribuiu de forma decisiva, cremos, para que esses estudos fossem criados; e assim se mantiveram até aos nossos dias (depois através da Faculdade de Teologia até se chegar à Faculdade de Letras).

O presente artigo é um testemunho da admiração que nos merece Nicolau Clenardo, notável humanista a quem Portugal tanto ficou a dever, pelo importante papel que desempenhou no incremento dos estudos hebraicos e árabes no nosso país, aspecto que não tem sido devidamente considerado.

Neste estudo tentaremos dar uma visão geral da *Tabula in Hebraeam Grammaticam* de Clenardo, comparando a edição de 1529 com a de 1581 (nesta última há aditamentos e correcções de João Isaac e de Quinquarboreus e certas alterações da ordem seguida na primeira edição). E procuraremos pôr em evidência a competência e a preocupação pedagógica de Clenardo, o seu profundo saber e até a modernidade do seu trabalho.

No prefácio que tem o título: «Nicolaus Clenardus hebraearum literarum studiosis» o autor disserta sobre a língua hebraica, sua importância e características. Começa por dizer: «Linguam Hebraeam, multis alioquî dotibus commendatam, hoc uno tamen nomine plerique merito venerantur, quod per Christianam fidem insignem pie-

---

*Absolutissimae Institutiones in Graecam Linguam*, Antuérpia, 1594 (1-(23)-12-185); *Epistolarum Libri Duo*, Porto, 1912 (3-13-15 e RB-38-18); *Tabula in Grammaticam Hebraeam*, Colónia, 1581 (1-(23)-2-47), que estudaremos neste artigo; *Institutiones Grammaticae ex Clenardo* (é a grega), Lisboa, 1595 (1-(23)-36); *Institutiones Absolutissimae in Linguam Graecam*, Paris, 1538 (1-(23)-12-188); *Cartas*, s.l. e s.d. (5-54-41-57); *Institutiones ac Meditationes in Graecam Linguam*, Paris, 1580-81 (RB-21-19); *Tabula in Grammaticam Hebraeam*, Lovaina, 1529 (sem portada e com notas manuscritas) (RB-41-19), que estudaremos neste trabalho; *Clénard peint par lui-même. Textes choisis...*, Bruxelas, 1942 (5-47-27-21). — Quanto às *Observationes in Linguam Hebraicam* de Pagnino, há a salientar a parte relativa às figuras que se encontram na Sagrada Escritura: a anáfora, a anástrofe, a antiptose, a catacrese, a diáfora, a leptologia, a metáfora, a metonímia, o pleonasma, etc.

<sup>12</sup> Vide a bibliografia indicada na nota 6.

tatis fructum illius cognitioni debere se credant». Não é como as outras línguas, prossegue: «Neque enim ut in caeteris crebro contingit, ita haec quoque fabularum lenociniis, ac ludicris nugis, animum nostrum titillare solet: non pestiferis cantis aures demulcere, non prophanis opinionibus mentem inficere, nullam breviter morum perniciem candidatis suis insinuare consuevit. Verum contra, ubique seria veritas salutari gravitate blanditur, ad omnem aditum facundus ille sapientiae lepor, dulcibus modulis plectrum suum meditatur, nihil adeo sanctum, nihil adeo incontaminatum, quod non in vitam nostram placita huius linguae, suo veluti iure quodam instillent».

Quanto ao seu estudo, ao esforço a fazer e ao prémio a alcançar, diz: «Atque hoc studium non in portu, longo iam maris devorato taedio, se in ipso limine dum solvis a littore, et vix dum iter capessis, laborem tuum statim amplissimo praemio solatur». É reconfortante para a alma penetrar nos segredos deste idioma: «Dum syllabarum corticem machaera fideli convellis, dum verba sonare niteris, continuo pascit animum promicans nucleus, et sensuum fragantissima medulla».

Refere-se a seguir ao contacto com os sagrados códices hebraicos e à riqueza que encerram: «Quandoquidem sacrorum codicum (qui soli tanquam asylum sermoni Iudaeorum praebuerunt) is divino munere genius, ut piis manibus vel contrectati modo, puritatem doctrinae illico sudent: dum pronuntiatio fingitur, et exercetur lectio, interim omnibus numeris absolvitur tibi probitatis integritas. Ipsae enim paginae, quo sunt affatae spiritu, cum praesentibus quam suavissimo exhalant odore, eoque magis quanto pressius oculos intendere, et prolixius adhaerere opus habeas».

Dá o interesse pelo estudo da língua hebraica, em especial por parte dos teólogos: «Id quod, meo quidem iudicio, iis demum usu venit, aut certe praecipue, qui non curiosa levitate, nec quod receptae interpretationes Theologorum ad unguem formare non queant, sed spe religiosi cuiusdam auctarii, et illustrioris veritatis desiderio, literas Hebraeas perdiscendas sibi duxerunt, scilicet familiaritatem cum divina sapientia quarentes liberiores, ut coram nativam illius eloquentiam audire, et suoapte ore salutantem intueri possint».

E continua Clenardo o seu pensamento: «Ii minutissimos apices quidem excutiunt, et veterem Christi vestem saltem fimbria tenus contingere gaudent. At iisdem vel ignorantibus, vel certe non ambientibus, tamen virtus illa de medico exiens, foedum et sanguinolentum sceleris fluxum sistit. Tantum vel ipse literarum contactus, et rude

sententiarum schema habet momenti, nedum illa penitissimorum perscrutatio, quae characterum situ et numero, quae verborum structura et ordinis pensiculatione peragitur, quae cura et sedulitas industriae linguam Hebraeam tractantibus, velint nolint amplectenda. Sic ad scopum destinatum pertingent, sic inter luctandum pulveris molestiam pro nihilo ducent, non labore frangentur, non sudore languescent: quin potius quisquis hoc quod dixi proposito, responsa Prophetarum, et citharam David canentem auscultare studeat, inardescet haud dubito miro pietatis amore; et ad insolitam rerum omnium faciem exclamare cogetur, quod ille ad Palladem:

*ἀργαλέον σὲ θεὰ γινῶναι βροτῶ ἀντιάσανται  
καὶ μάλ' ἐπισαμένῳ· σὲ γὰρ ἀπτήν παντὶ εἰσκεις*

E fala do seu caso pessoal: «Adeo quod ante frigidum in chartis a vitis et segne iacebat, iam vividum et erectum in sublimium contemplationem suum lectorem attollit. Huius tam expetendi fructus expectatio me quoque ad linguae studium adduxit, quam equidem praeceptorum fretus consilio, praeterquam quod maxime frugiferam, etiam facilem et iucundam sum expertus; non ut autumant horridam atque asperam, non incultam ac tetricam, sed politia mira decoram, atque adeo ipsa maiestate venustam, expeditam, pronam, nullique non obviam, si modo omnium artificem laborem in consilium adhibere statuat, citra quem nihil unquam natura dedit mortalibus».

Alude depois à sua ideia de publicar a gramática de hebraico: «Quapropter cum privatim facto periculo doctus essem, pauculis horis adolescentium studia posse iuvari, operaepretium mihi visum est, si in re usque adeo sacra et pia operam publicam, pro mea tenuitate, navarem, et ista velut gratitudine praeceptoris officio responderem; dum quod ab aliis gratis accepissem, aliis quoque gratis elargirer».

O projecto da elaboração do seu compêndio é assim apresentado: «Verum interim hoc in munere versanti, nihil aequae incommodum accidit, quam quod iusto exemplarium numero, prima omnium fundamenta nobis deessent, res minutula, sed in primis necessaria, quod mea sic sit ratio, et sententia, caeteris praestare in hoc genere, si oculis testibus, quae traduntur arbitrari possis, nisi falsum est, pluris esse testimonium oculatum unum, quam aurita decem».

E prossegue: «Et sane donec mutuus convictus ista non docet, mathematicorum loco habenda, ut radium et pulverem efflagitent.

Itaque in auditorum nostrorum profectum uberiores, hanc prelo excudendam tradidimus rudimentorum tabulam, in qua tanquam in speculo, ut quaeque sese haberent, vel digito monstraremus».

Conclui deste modo a sua introdução: «Eam propediem, propitio Deo, sumus enarraturi, hoc animo et spe, ut bimestri aut trimestri diligentia, aliquid omnino iudicii in his literis comparetur, quo valeant quibus et libet et licet ea quae restant citra praeceptoris auxilium absolvere. Est enim prorsus consultum, ut si dimidium facti felicibus auspiciis consequi velimus, temporis parum, industriae plurimum conferamus. Lovanii tertio Cal. Februarii. Anno M. D. XXIX».

\* \* \*

A primeira parte da gramática abre com o quadro das consoantes, indicando a sua leitura e a sua equivalência no alfabeto latino. Acerca das consoantes א, ע, ד, מ, נ, ה, י e ש tece algumas considerações muito ligeiras quanto ao seu valor e escrita.

Fala a seguir das vogais breves e longas, das letras «quiescentes» (pp. 8-9) e dos «canones pronunciationis» (pp. 9-13), referindo-se às consoantes פ e צ, aos «puncta rapta», א e א׃, ao «iod», ao «daghés»,

às consoantes ט, ז, ב, ד, ג, כ, ao «schevá» e ao «raphé». Tudo é apresentado de forma breve mas muito clara, fornecendo acerca de cada caso exemplos apropriados. A preocupação didáctica de Clenardo revela-se evidente da primeira à última página da sua gramática.

Passa depois a tratar do nome e do verbo, dizendo a propósito: «Orationis partes nomen et verbum, plus caeteris habent negotii, quae duo si quis probe norit, eum de reliquo iubeam esse securum. Siquidem cognitio rei latinae, et literarum sacrarum assidua lectio, iugisque meditatio facile cuncta monstraverit». E dá este conselho: «Mihi consultum in primis videtur, ut simul atque minimum elementorum discrimen (sic) quis fuerit adeptus statim thematis alicuius inflexionem inculpat memoriae: etsi balbutiendum sit et errore repetito, deponendus error, in illis periculum fiat, quae perpetuo tenacissime debeant haerere» (pp. 12-13). Por isso, começa por tratar do verbo e só depois do nome.

Inicia com a primeira conjugação que em hebraico se chama קל, «kal» (pp. 13-14), passando a seguir à segunda, פעל, «piel» (pp. 14-15),

à terceira, הִפְעֵל, «hiphil» (pp. 15-16) e à quarta, הִתְפַּעֵל, «hithpael» (p. 16). Acerca de cada uma das conjugações (formas activa e passiva), limita-se a dar as explicações que julga imprescindíveis e para melhor orientação do leitor fornece sempre exemplos, escolhendo os seguintes: הִלָּךְ, «ambulavit», שָׁמַר, «custodivit», חִקֵּךְ, «investigavit», הִשְׁכִּיב, «fecit quiescere», הִתְקַדְּשׁ, «sanctificatus est», e outros.

Refere depois o que concerne aos tempos e aos modos (pretérito, «benoni», ou seja, o particípio activo, «paul», que é o particípio passivo, futuro, infinitivo e imperativo) e à divisão entre verbos trílteros e não trílteros (p. 17) («verborum ordines»).

Vem a seguir uma série de tabelas com a conjugação do verbo פָּקַד, *paqad*, «visitou», nas formas «kal», «niph'al», «piel», «pual», «hiphil», «hoph'al» e «hithpael» (pp. 18-23).

Em apêndice explica a aplicação das letras ל, ע, פ, para designar as consoantes da raiz do verbo; e fornece algumas notas sobre o infinitivo «kal», o imperativo e o futuro, e o infinitivo «niph'al» (pp. 23-24).

Para as conjugações dos verbos defectivos e «quiescentes» «PE NUN», «PE ALEPH», «PE IOD», «AIN VAV», «LAMED ALEPH», «LAMED HE» dá os seguintes exemplos: נָגַשׁ, *nagash*, «appropinquare», יָשַׁב, *yasab*, «stare»; אָכַל, *'akal*, «comedere», יָשַׁב, *yashab*, «sedere», בָּן, *ban*, «aedificare»; מָצָא, *masa*, «invenire» e גָּלָה, *galah*, «revelare».

Em curtos apêndices enuncia algumas observações pertinentes e que esclarecem certos pontos importantes relativos às ditas conjugações. Todas elas se revestem de enorme relevância.

Segue-se a conjugação do verbo סָב, *sab*, «se vertit», como exemplo dos que reduplicam a segunda consoante (verbos «duplicantia ain») (pp. 72-79), tendo o autor também aqui o cuidado de fazer algumas observações de muito interesse que ajudam a compreender a questão.

Vem a seguir o relativo aos verbos compostos «PE NUN LAMED ALEPH», «PE NUN LAMED HE», «PE IOD LAMED ALEPH» e «PE IOD LAMED HE», sendo apresentados como protótipos os seguintes: נָשָׂא, *nasa*, «portare»; נָטָה, *natah*, «extendere»; יָצָא, *yasa*, «exire»; יָפַח, *yafah*,

«pulcher esse». O verbo נָתַן, *natan*, «dare», merece a Clenardo um tratamento especial (pp. 92-94).

E o capítulo referente ao verbo termina com a conjugação dos verbos de quatro e de cinco letras, dando o autor como exemplos os verbos כִּלְכֵּל, *kilkel*, «sustinere» e חָמַרְמָר, *hamarmar*, «fervere».

As declinações dos nomes ocupam a parte seguinte da gramática de Clenardo. Começa por fornecer no singular, plural e dual o exemplo de דָּבָר, *dabar*, «palavra», צְדָקָה, *sedaqah*, «justiça» e רֶגֶל, *regel*, «pé», respectivamente. E logo na página ulterior vem uma série de nomes que são apresentados no singular e no plural, no masculino e no feminino.

Como diz Clenardo, os nomes perfeitos são aqueles que, além das três letras radicais, não contêm nenhuma que seja estranha à raiz. Escreve: «Intra hunc ambitum continentur nomina perfecta, quibus ultra tres literas radicales nulla additur extranea, suntque in eis multa verbalia, multis rursum nullum respondet. Quemadmodum autem apud Latinos fallax est analogia (nam ab amo deducitur nomen amor, non amatio, contra lego gignit lectionem, legorem minime) sic et ab Hebraeis verbis descendunt quidem verbalia, sed alia in aliis punctorum est ratio» (p. 100).

A parte que se segue tem o título de «heemantica» e trata dos nomes que incluem uma das consoantes הַ final, אַ inicial; הַ אַ no princípio e no fim; מַ inicial; מַ inicial e הַ final; מַ inicial e תַּ final; ךַּ final; נַ inicial; תַּ final; תַּ inicial; תַּ inicial e הַ final; ךַּ inicial e ךַּ final. Alguns exemplos: תוֹעֵבָה.

Sobre os nomes defectivos «Pe Nun» ou «Iod», os «quiescentes» «Pe Aleph», «Pe Iod», «Ain Vav», «Lamed-Aleph», «Lamed-He», que reduplicam o ain, «Pe Nun-Lamed Aleph», «Pe Nun-Lamed He», «Pe Iod-Lamed Aleph», «Pe Iod-Lamed He», e de quatro e cinco letras, o nosso autor fornece como protótipos: שִׁיג, *sig*, «recessus in solitudinem»; אַבָּק, *'abaq*, «pulvis tenuissimus»; דְּעָ, *de'a*, «scientia»; זָר, *zar*, «alienus»; צָבָא, *saba*, «militia»; אֶזְכָּר, *'akezar*, «fallens»; אֶזְכָּרָב, *'azekarab*, «memoriale»; מַלְכָּה, *malkah*, «regina»; מַמְלָכָה, *mamlakah*, «regnum»;

מִסְכֵּנֶת, *miskenet*, «egestas»; אֶלְמָן, *'alman*, «viduitas»; נַפְתּוּל, *naftul*, «lucta»; חוֹתֶמֶת, *hotemet*, «sigillum»; תַּשְׁבֵּץ, *tashbes*, «textura artificiosa»; תַּרְדֵּמָה, *tardemah*, «sopor»; יִצְחָק, *ishaq*, «Isac»; תֵּימָנִי, *teimani*, «Themani»; שָׁנָה, *shanah*, «annus»; תָּם, *tam*, «integer»; שִׂי, *si*, «altitudo»; מַכָּה, *makah*, «percussio»; זֵאָה, *se'ah*, «stercus»; יַפֵּה, *iafeh*, «pulcher»; בַּקְבוּק, *baqbuq*, «Bacbug»; פֶּתֶלְתוּל, *petaltôt*, «distortus».

\* \* \*

O capítulo relativo aos afixos dos nomes ocupa as pp. 110-135, apresentando aí Clenardo os necessários elementos para uma precisa compreensão do tema. Assim explica por que é que os pontos se mudam, quais as vogais que são objecto de alteração, a mudança do «schevá» para «chiréc», a natureza dos afixos e o «chiréc» pequeno. Quanto à mudança dos pontos, escreve: «Fontes unde oritur vocalium permutatio sunt quatuor, Regimen, Affixum, Pluralis numerus, Genus foemininum» (p. 112).

Clenardo trata depois dos afixos dos verbos (pp. 136-151), começando pelo pretérito «kal». Escreve logo no início: «Quemadmodum Nominibus iunguntur Affixa, ita et Verbis, ac mutationis punctorum fere lex eadem in utrisque, ut quod primo loco vertatur in quaecunque accedunt affixa» (pp. 137-138). Vêm a seguir o «benoni» (particípio activo), o «paul» (particípio passivo), o infinitivo, o imperativo o futuro, dando algumas indicações especiais sobre os dois últimos.

Um tópico que lhe merece uma análise particular é a relativa aos pontos que precedem os afixos (pp. 147-151).

Explica nas páginas seguintes (pp. 151-15) o que se passa com as partículas indeclináveis, às quais também se podem juntar afixos. São elas: אַחַר, אַת, אֵין, עִם, אֶל e מִן

E termina a sua gramática com algumas considerações sobre os pronomes separados (pp. 154-155). Ao lado dos pronomes que são «recti casus», como אֲנִי, *'ani*, «eu»; אַתָּה, *'atah*, «tu», há outros, aos quais se juntam preposições, como אַת, resultando daí: אֲחֵרֵי, אֲחֵרֵי.



etc.; e há ainda outras, como ב e ל, que juntando-se a הֶם e הֵן, dão: בְּהֵן e לְהֵן. «Casos oblíquos» são aqueles como אֲוֹתֵי e אֲוֹתֵךְ.

Este exemplar da Gramática Hebraica de Clenardo contém ao longo da obra e no fim várias observações manuscritas, escritas possivelmente pelo professor que leccionou o idioma hebraico no Colégio de Jesus da cidade de Coimbra. «IHVS — Vigesimo primo die mensis Ianuarii anni a nativitate Domini 1563 coepit dare operam hebraicae linguae in collegio Societatis IESU Conimbricae» são as palavras iniciais dessas notas.

Na parte final o autor trata das letras do alfabeto hebraico, dizendo o seu número e tecendo algumas considerações acerca de algumas delas.

Assim, fala do «guimel», do «chet», da letra s em hebraico, do «ain», do «schin», das consoantes que têm diversa configuração consoante se encontram no início ou no meio das palavras, ou no fim, etc.

Depois trata do modo de pronunciar as consoantes hebraicas, das letras «quiescentes», «quae quoniam non habent vocalem subscriptam, sunt otiosa et non pronuntiantur et quoniam quiescunt, ponuntur plurium post aliquam ex quinque vocalibus longis vel si non ponuntur expresse in ipsis vocalibus longis intelliguntur ita ut nulla sit vocalis longa in qua non lateat aliqua ex his literis quiescentibus si non fuerit scripta». E explica mais: «Triplex habent nomen hae literae apud hebraeos: aut enim dicuntur quiescentes, aut paragogaicae aut permutable; quod frequenter una in aliam convertitur».

Diz a seguir o que é o «dagesch»: «est punctum quod ponitur in medio omnium consonantium praeter quatuor guturales אֲדָגֶשׁ et ך, in quibus non scribitur».

Diz ainda que o «dagesch» é duplo: um leve e outro forte: «Leve, solae sex literae possident quando ponuntur in principio dictionis et continentur sub his duabus dictionibus בְּגֵרֶשׁ. Hae sex consonantes nunquam recipiunt daghes forte nisi in medio dictionis sint positae; tunc sunt capaces daghes fortis et duplicantur». E acrescenta outros dados sobre o «dagesch».

Na edição da *Tabula in Grammaticam Hebraeam*, impressa em Colónia, em 1581, e preparada por João Isaac, encontramos uma dedicatória deste último autor que, pelo seu interesse, julgamos útil transcrever e comentar nas suas partes mais importantes. Aliás, no rosto da obra lê-se precisamente: «Tabulae in Grammaticam Hebraeam

auctore Nicolao Clenardo. A Iohanne Isaac nunc recens correctae, et aptiori ordine digestae, una cum eiusdem et Iohannis Quinquarb. annotationibus. Ad haec literarum, quas serviles nominant, potestates adiectae sunt, itemque Psalmi aliquot ad verbum redditi, quaeque in iis occurrebant difficiliora themata in margine notata. Postrema hac editione diligenter recognita, et ab erroribus expurgata».

Começa deste modo a referida dedicatória que é intitulada: «Nobilibus Adolescentibus Everhardo et Petro, clari ac multis nominibus ornatissimi viri Euerhardi Sudermanni filii, Iohannes Isaac — S. P. D.»: «Superiore mense, ornatissimi adolescentes, cum honestissimi viri, atque optimi cives Arnoldus et Iohannes Birckmanni fratres, Hebraeam Clenardi Grammaticam typis excudere instituissent, vehementer a me etiam atque etiam petierunt, ut eam tum corrigerem et emendarem, tum in eum quoque ordinem digererem, qui et pueris aptior, et literatis hominibus magis probatus esset».

E prossegue o seu pensamento: «Ego vero licet hoc corrigendi et emendandi negotium longe equidem alii cuipiam dari maluissem: tamen in iis rebus, quas non ad privatum commodum, sed ad publicum usum ac utilitatem pertinere intelligerem, nullum volui neque officium, neque studium meum desiderari: praesertim cum et Physica et de Astrologia epistola quadam de Hebraeo versa, et iam in lucem edita, nonnihil otii nactus essem».

Refere-se depois a alguns defeitos da *Tabula* de Clenardo: «Atque etiam illud eo libentius ac vehementiori studio feci, quod eas Tabulas, alioquin sane pereleganter conscriptas, partim multis vitiis Typographorum incuria deformatas, partim eo ordine, qui minus multis placeret, distinctas esse sciebam, ut non dubitarem, quin ex vitiosa impressione, as regularum minus usitata collocatione, nata quaedam incommoditas, studia multorum esset retardatura, et expectatam inde utilitatem aliqua ex parte impeditura». Explica a seguir qual foi o seu trabalho: «Emendavi itaque has tabulas, atque in eum ordinem digessi, quem rebus convenientem, acerrimi iudicii hominibus maxime probatum, et discentium ingeniis aptissimum esse existimavi».

E continua: «Nam praeceptis primum ubique locum dedi: quibus deinde paradigmata et exempla apposui, ut ex his illa quasi lumen quoddam acciperent». Clenardo seguira outro processo: «Clenardus artem aliam quandam rationem secutus est: cuius ego consilium aperirem, ne quisquam haec ad ipsius reprehensionem scribi arbitraretur, nisi illud perfacile a quovis intelligi posse crederem. Ad haec perutiles

quasdam annotationes adiunxi praeter eas, quas nuper eruditus vir Ioannes Quinquarboreus adiecit. Atque his item nonnunquam iudicium nostrum, ex vetustissimis quibus scribescriptoribus, apposuimus».

E foi assim que pensou dedicá-la, já corrigida e emendada, aos referidos estudantes: «Hanc vero Clenardi Grammaticam de integro a me correctam et emendatam, aptiusque ni fallor, digestam vobis, adolescentes ornatissimi, dicare visum est: ut ita vos ad constantiam in doctrinarum et virtutum studiis retinendam pro mea virili exhortarer, quod illud quidem merito me facere debere intelligerem, ob incredibilem quandam humanitatem et benevolentiam mihi ab avo vestro D. Hermanno Sudermanno, amplissimo, gravissimoque viro, huius Reipublicae Consule, et Academiae Provisore, una cum filiis suis Domino Henrico LL. Doctore, et Domino Euerhardo patre vestro, exhibitam. Etiam si vos a me vel ad literas, vel ad sapientiae et honestatis studium extimulari non admodum necessarium esse credam: utpote qui tam multis, tamque praeclaris et illustribus ad imitandum exemplis excitemini, iisque domesticis sive paternum, sive etiam maternum genus vestrum consideretis».

E prossegue referindo-se a D. Henrique: «Nam quid avo vestro paterno aut prudentius? aut in literarum studiis omni conatu promovendis diligentius? aut pietatis omnisque honestatis studiosius? quid patruo vestro D. D. Henrico, praeter exquisitam iuris scientiam, admirabili quadam copiose loquendi sapientia praedito, itemque Euerhardo patre vestro ornatus atque praestantius?».

E fala ainda de D. Constantino de Lieskirchen: «His accedit D. Constantinus a Lieskirchen, amplissimus huius Reipublicae Consul vigilantissimus, vir non tam ob generis nobilitatem, licet ea ut maxime splendida, ita vetustissima sit, quam propter singularem doctrinam egregiasque virtutes, constantiam dico, fidem, curam, atque prudentiam in Republica tuenda, suspiciendus».

Não esquece também D. Pedro Furstenberg: «Et D. Petrus Furstenberg, homo cum primis et nobilis et literatus». E Pedro Heymbach e seu filho Bartolomeu: «Iam vero quod si maternum genus spectectis, praeter alios plerosque maximae fortunae et dignitatis homines, habetis insignem probitate ac dignitate amplissimum virum Dominum Petrum Heymbach, celeberrimae huius Reipublicae Consulem, vigilantissimum Academiae Provisorem, eiusque filium Bartholomaeum sane egregium, ac multis nominibus ornatissimum virum. Iam vero si vel saltem enumerare vellem eos, qui in hac olim Republica clarissimi, iam fato

concesserunt: equidem vereor, ne epistola vel toto libro hoc prolixior esset futura: Ergo num quid, optimi ac optatissimi adolescentes, hac vestra familia splendidius? num quid clarius?» Em nota marginal diz que Heymbach faleceu em 2 de Agosto de 1557 com 77 anos de idade.

E conclui com estas palavras: «Quare saepenumero vitam horum virorum multis praeclarisque monumentis ad omnem posteritatem commendatam vos intueri conveniet, ut ea excitati, illud etiam atque etiam cum animis vestris cogitetis, quemadmodum in doctrinarum virtutumque studiis magnos progressus facere, atque expectationi, quae de vobis eximia est, respondere possitis. Valet. Coloniae Agrippinae, Anno Domini M. D. LV. sexto die Martii».

Trata-se de uma edição melhor elaborada e com um sentido pedagógico superior à primeira edição de 1529. As notas de João Isaac<sup>13</sup> e de Quinquarboreus, quer na sequência do próprio texto quer à margem, denotam ótimos conhecimentos desses dois hebraístas.

Vejamos agora alguns casos em que se verificam aditamentos feitos por Quinquarboreus e por João Isaac. Assim, logo a seguir ao alfabeto encontramos a seguinte explicação do primeiro: «Aleph litera lenissima aspiratio est, quae per tenuem Graecorum spiritum exprimi potest. Chet literae vis literis exprimi non potest, non enim sonat ut ch, sed densius aspirat, quam nostrum, et in modo gutturis formatur».

---

<sup>13</sup> Iohannes Isaac Levita (Jochanan Isaak ha-Levi Germanus) nasceu em 1515 em Wetzlar e faleceu em 1577 na cidade de Colónia. Rabino de grande envergadura, passou depois ao cristianismo. Recebeu o baptismo em 1547 com seu filho Estêvão em Marburg e aderiu ao catolicismo em 1547 em Lovaina. Em 1551 era nomeado professor de hebraico em Colónia. Defendeu a autenticidade do texto masorético na sua *Defensio Veritatis Hebraicae* (Colónia 1559) contra a opinião de alguns, como W. Lindanus, que diziam ter sido aquele alterado pelos judeus. Além de *Einführungen in die Hebräische Grammatik und Stilistik* compôs uma nova edição do dicionário hebraico de Sanctes Pagnino (Antuérpia 1578). Sobre este hebraísta, vid. *Enciclopedia Judaica*, vol. X, 893 ss. — Quinquarboreus (Jean Cinquarbres), notável orientalista francês, natural de Aurillac, foi professor de hebraico e siríaco na Colégio de França. Faleceu em 1587. É autor de várias obras gramaticais de hebraico, tendo editado também a *Tabula in Grammaticam Hebraeam* de Clenardo. No seu *De re grammatica hebraeorum opus* (Paris, 1556) refere-se no prefácio ao humanista flamengo. Esta obra existe na B.G.U.C., tendo provindo do antigo Liceu D. João III (n.º 255 do *Catálogo*).

Acerca das quatro letras י, ך, ך, א, que são as «quiescentes», escreve João Isaac: «His quatuor literis sex potissimum ob causas Iudaei plurimum tribuunt: primum quod sint pronunciacionis omnium aliarum lenissimae. Deinde, quod interdum radicales sint, aliquando autem serviles. Tertio, eo quod nunc quiescunt, nunc vero moveantur. Quarto propterea, quod sint literae invicem commutabiles, quarum una saepenumero pro altera ponitur. Quinto, quod longae vocales non nisi adminiculo earum exprimi possint: quamobrem et אַי in libro creationis אַמֹת הַסְפֹרִי id est, matres locutionis, quemadmodum אַמֹת העוֹלָם matres mundi, אַמֹת העוֹלָם appellantur. Sexto et ultimo, quod venerabile nomen Dei יְהוָה tetragrammaton in his ipsis inclusum est» (p. 8v).

E podíamos juntar outras pequenas diferenças entre a edição de 1529 e a de 1581 no respeitante aos «cânones de pronúnciação». Refira-se apenas esta nota de João Isaac acerca do ך colocada depois da explicação do Iod: «Eadem ratio cum ך quod in fine dictionis nullo puncto vel cholem vel churec affectum, ad literam praecedentem tanquam u consonans attrahitur, ut גֵי geu: קָי kau: aliquando Iod interponitur, et nihilominus eadem est pronunciacionis ratio: ut יְדִין Iadau». (p. 9v.<sup>o</sup>).

E quanto ao ך, diz: «Porro et ך aliquando punctum habet in ventre, quod quidem non est dagesch (cum eius capax non sit) sed מַפִּיק mappic vocatur: at tunc ipsum non quiescit, sed aliquo modo fortiter proferendum est, ךֿ אֲשָׁה roschahh» (p. 9v.<sup>o</sup>).

Enquanto a edição de 1529 apresenta logo a seguir à explicação da primeira conjugação o respeitante às «ordines verborum», a de 1581 prossegue com a segunda, a terceira e a quarta conjugações deixando para depois as «ordines verborum».

João Isaac acrescentou «in secunda litera thematis» ao que Cle-nardo escrevera acerca da ausência do «dagesch» na forma «kal».

Além disso, na edição de 1529 vêm logo a seguir às formas activas as passivas: «niphal», «pual» e «hophal».

De certo interesse se reveste a nota de Quinquarboreus posta à primeira conjugação: «Triplex porro est forma huius coniugationis,

communior habet  $\tau$  et  $\_$  ut  $\text{פָּקַד}$  rarior  $\tau$  et  $\_$  ut  $\text{דָּבַק}$ , «adhaesit», rarissima  $\tau$  et cholem, ut  $\text{יָגַר}$  timuit».

Igualmente merece ser referida a explicação do mesmo Quinquar-boreus relativa aos tempos e aos modos: «Praeteritum unum, quod habent, vertendum est pro commoditate lectionis per perfectum, modo per imperfectum, et modo per plusquamperfectum. Modos habet quinque, Indicativum, Imperativum, Optativum, Subiunctivum et Infinitivum. Quandoquidem praeteritum (ut modo dictum est) unicum habent, similiter et futurum, cum occurrunt, vertenda sunt pro commoditate et exigentia sensus, per Indicativum, vel Optativum vel Subiunctivum» (pp. 12-12 v.).

Ao tratar-se da segunda conjugação, João Isaac acrescentou ao lado a letra  $\text{ך}$ , pois, como as guturais, não é susceptível de levar «dagesch».

Na edição de 1581 o apêndice que na edição de 1529 vem nas págs. 23-24 aparece noutro lugar (pp. 13 e ss.).

Ao falar-se da forma «hithpael» encontramos de novo uma nota explicativa de João Isaac: «Consideranda in primis erunt verba, quorum pe paal est  $\text{ס}$  vel  $\text{ש}$ . In illis enim ut expeditior sit pronuntiatio  $\text{ת}$  característica coniugationis postponitur primae literae radicali, ut  $\text{שָׁמַר}$  in Hithpael  $\text{הִשְׁתַּמֵּר}$ .  $\text{סָבַל}$  habet  $\text{הִסְתַּבֵּל}$ . Similiter sit in verbis, quorum pe paal est  $\text{צ}$ , nisi quod tunc  $\text{ת}$  Hithpael mutatur in  $\text{ט}$ , ut  $\text{צָיַר}$  in Hithpael  $\text{הִצְטַיֵּר}$ . Postremo verba, quorum pe paal est  $\text{ן}$  eodem modo literis transpositis,  $\text{ת}$  mutant in  $\text{ך}$ , ut  $\text{זָמַן}$  in Hithpael  $\text{הִזְדַּמֵּן}$ » (p. 17).

Quanto aos verbos defectivos «Pe Nun», fornece João Isaac esta nota: «Desideratur in huius coniugationis praeterito et participio  $\text{ן}$  pe paal. Nam quod apparet est nun niph'al, et non thematis, cuius loco dages substitutum est. Infinitivus vero imperat, et futurum per omnia perfecta sunt, nec est quod tibi scrupulum iniiciat dages, quod vides in nun, illud enim est solum causa indicandae deficientis nun literae characteristicae passivae vocis» (p. 18).

Vem depois a conjugação «piel» dos verbos «Pe Nun». Aqui João Isaac julgou conveniente fazer o seguinte aditamento: «Miror Clenardum verba defectiva per omnes coniugationes persecutum esse, cum in Piel, Pual, et Hithpael nihil differant a perfectis: cuius rei haec est

ratio, etenim harum trium coniugationum Ain paal semper proprio iure requirit dages, quod si iam abiiciatur pe paal, non restat locus, in quem recipiatur alterum dages, per quod significari possit defectus. Deinde neutiquam fieri potest, ut unum dages fungatur officio duorum, nec duo dages in una litera sese mutuo compati possunt. Ideo morem perfectorum sequuntur» (p. 18v.<sup>o</sup>).

Sobre a conjugação «hiphil» comenta: «Haec coniugatio ubique est defectiva simul cum sua passiva: abiecta enim nun pepaal dages in ipsius loco reponitur» (p. 19v.<sup>o</sup>). E mais adiante acerca do «piel», «pual» e «hithpael», diz: «Piel, Pual et Hithpael (dos verbos quiescentes «Pe Aleph») normam verborum perfectorum observant» (p. 22v.<sup>o</sup>).

Acerca do «niphala» passivo dos verbos «Pe Iod» escreve: «Quinquarboreus: «Fit autem tale ך mobile sive consonans, ut dages supplens defectum formativi Niphala, locum habeat in illo, quum dages inscribi non possit literae quiescenti» (p. 24v.<sup>o</sup>). E João Isaac acerca do «hiphil» e do «hophal»: «In hiphil et hophal per omnia tempora mutatur iod in vaf» (sic) (p. 25).

Quinquarboreus diz sobre o «niphala» perfeito e o participio activo: «In Niphala tamen in praeterito et Benoni ך non est mobile: in toto Hithpael vero mobile esse potest» (p. 25v.<sup>o</sup>).

No que respeita aos verbos «Ain Vav» encontramos uma pequena nota marginal de João Isaac ao tratar-se do futuro. Clenardo escreveu: «Creberrimum est et in hoc tempore schurec, rarius cholem, praeterquam in pausa...», ao que aquele acrescenta: «pausam vocat accentum distinguentem» (p. 26v.<sup>o</sup>). O exemplo de Clenardo é tirado do Gén. 5,5: מוֹתוֹ, «et mortuus est».

Ainda quanto ao futuro destes verbos Quinquarboreus diz: «Quomodo in hoc futuro retrahatur accentus, et ך vel ך mutetur in cametz hatuph satis diligenter a nobis tractatur in nostro opere de re grammatica Hebraeorum, in annotationibus in hoc futurum» (p. 26 v.<sup>o</sup>). E João Isaac acrescenta: «Etiam in nostra grammatica, quam לְשׁוֹן לְמוֹרִים inscripsimus, id satis perspicue indicatur» (p. 26 v.<sup>o</sup>).

Interessante é a nota de Quinquarboreus acerca dos verbos «Ain Vav» na forma «kal»: «Verba Kal, quorum secunda thematis est ך plurimum energia sive virtute habent illud in motione ך magna, ut קם, surrexit, pro קום: quod si usus postularet perfecte declinari dicendum esset קום aut in .. , ut מות, mortuus est pro מוֹת aut in cholem denique

habent ך, quiescens pro alia, ut אָר, illuxit» (p. 27). E João Isaac acrescenta: «Habent enim triplicem formam in Kal, eodem modo ut perfecta habent» (p. 27).

Ainda no que respeita à forma «niphāl» dos verbos quiescentes «Ain Vav» Quinquarboreus escreve: «ׁ conjugationis Niphāl formativum afficitur in hoc verborum ordine motione ך, modo mox sequens syllaba habeat secum accentum. Nam si ille in tertiam aut aliam reiiciatur syllabam, pro ministrantium literarum consuetudine ׁ effertur per scheva, ut ex serie conjugationis perspicuum est. Signatur etiam interdum ׁ motione , .. גֵּוֹר, excitatum est. Et id genus alia.

Idem dicendum de tsere ך Hiphil, etiam duplicantium Aiin, sic de camets Niphāl illius ordinis» (p. 27v.<sup>o</sup>).

A nota de Quinquarboreus respeitante à forma «hiphil» destes verbos reveste-se igualmente de grande interesse: «Accentu grammatico remanente in sede sua, nempe in syllaba secunda aut alioqui tsere sub ך producto per metheg seu retinaculo, formari potest praeteritum hiphil in hoc ordine, ut tsere perpetuum sit sub ך, ut ex exemplo praecedente satis liquet. Nam si accentus in mox sequenti syllaba non ponatur, tsere sub ך conjugationis formativo mutabitur in scheva, ut in Niphāl sub ׁ quod sub litera gutturali dilatatur per patach, aut per satis segol in hac conjugatione, ut supra ex exemplo conjugationis liquet» (p. 29).

Vejamos agora o que foi acrescentado à Gramática de Clenardo na parte relativa aos verbos «quiescentes» «Lamed Aleph». Ao falar-se do א móvel, escreve Quinquarboreus: «Mobile est etiam א, quando post illud sequitur cholem, ut מוֹצֵאוֹת, invenientes foeminae» (p. 30v.<sup>o</sup>).

No que respeita aos mesmos verbos «Lamed Aleph» há a notar o seguinte: o particípio activo גִּלְתָּהּ não tem outra forma, diz João Isaac. E Quinquarboreus escreve a propósito de גִּלְתָּהּ, depois do que comentara Clenardo: «Talis substitutio (a passagem de ך para ת em גִּלְתָּהּ) ת (seria ך) aspirati pro ת, ad venustatem pronunciationis fit, ne videlicet duae similes literae concurrant: nam dicendum esset גִּלְתָּהּ quod non tam bene sonat» (p. 34). E quanto à mudança do ך para ך escreve: «Talis ך pro ך substitutio, fit ex literarum אָרֵיִי mutua permutatione, quia sunt quattuor literae permutabiles» (p. 34v.<sup>o</sup>).



Como já acontecera antes, também agora João Isaac, acerca do particípio activo **מְגִלָּה** diz que é a única forma feminina.

O mesmo se verifica com o particípio activo dos verbos «Ain Ain» de que é exemplo **סְבָה**.

João Isaac lembra depois que o infinitivo destes verbos tem por vezes o «schurec» e o imperativo o «cholem»: «Aliquando **ח** habet schurec, ut Eccle. 5 **וְלִבְרוּר**. Et in imperativo cholem nonnunquam in **ח** mutatur, ut **רְנִי**» (p. 37).

Por seu turno Quinquarboreus escreve acerca destes verbos «Ain Ain»: «Dici possunt etiam verba haec defectiva in secunda radicali, quod in illis saepenumero de medio tollatur secunda litera thematis, in supplementum, cuius imprimitur dages gremio tertiae radicalis: tolli autem dicitur secunda non tertia radicalis litera ex natura ipsius dages, quod supplere solet illud proprie, non sequentis, sed mox praecedentis literae defectum. Evanescit etiam ipsum dages, quoties tertia litera (cui alioqui inscribendum) dictionem terminat, sic **סב** sed proculdubio exprimendum venit illud, quoties illi ultimae literae additur litera aut syllaba, ut **סְבָה**, etc.» (p. 37v.<sup>o</sup>).

E o mesmo autor diz acerca dos «puncta sororia»: «Sunt apud Hebraeos motiones quatuor, chateph, camets kybbuts, schurec, et cholem, quae ab illis **נְקֻדֹת אֶחָיוֹת**, id est, puncta sororia, sive germanae appellantur, quod frequenter unum pro alio substituatur» (p. 38).

João Isaac escreve quanto ao infinitivo destes verbos o seguinte: «In infinitivo aliquando pro cholem reperitur tsere, ut **בְּהִימֵס רוֹנֵג**, sicut colliquescit caera, Psal. 68» (p. 38v.<sup>o</sup>).

O «piel», o «pual» e o «hithpael» dos verbos Ain «Ain merecem» a Isaac o comentário que segue: «Piel, Pual et Hithpael ob causam superioris fol. 18 dictam, perfecte veniunt, nisi quod Grammatici aliquando has coniugationes formant iuxta formam quiescentium Aiin vaf, loco dages **ח** cum cholem ponente et malunt dicere **סֻבַּב** quam **סָבַב** et **הִסְתַּבְּב** quam **הִסְתַּבַּב** quod ideo fieri indubie existimandum est, ne tres eadem literae videantur concurrere, quod fit in **סֻבַּב** et **הִסְתַּבַּב**

propter dages, quo eadem litera inter pronunciandum geminatur» (p. 39).

Os verbos compostos são considerados a partir da pág. 39 a. Também aí encontramos algumas notas explicativas de certo interesse. Assim acerca dos mesmos verbos «Ain Ain» tece Quinquarboreus este comentário: «Id est verbum  $\text{אַשַׁף}$  et illi similia prima radicali imitantur verba defectiva Pe Nun, tertia vero verba quiscentia lamed aleph» (p. 40v.<sup>o</sup>).

Quanto aos verbos compostos «Pe Nun Lamed He», escreve João Isaac: « $\text{נִטַּף}$  et reliqua huius formae verba in futuro coniugationis Kal interdum sine  $\text{ה}$  veniunt: ut  $\text{אַטַּף}$ . In Hiphil autem, et in Imperativo quoque  $\text{ה}$  amittunt  $\text{הַטַּף}$  pro  $\text{הַטַּף}$ ,  $\text{אַטַּף}$  pro  $\text{אַטַּף}$  etc.» (p. 41v.<sup>o</sup>).

A respeito dos verbos de quatro ou cinco radicais, comenta Isaac: «Atque huiusmodi literarum geminationem tam in quatuor quam in quinque literarum verbis, Grammatici factam asserunt partim euphoniae, partim etiam augendae significations gratia» (p. 46v.<sup>o</sup>).

E passemos agora ao nome. Logo no início, ao tratar do género, deparamos com algumas considerações de Quinquarboreus: «Genus duplex dumtaxat habent Hebraei, masculinum videlicet et foemininum: neutrum enim non habent genus. Foeminina vero ea sunt, quae terminantur in  $\text{ה}$  praecedente camets et accentum in ultima, ut  $\text{מַלְכָּה}$ , regina, vel in  $\text{ת}$  praecedente .. ut  $\text{עֲטֻרָת}$  diadema, quae omnia semper accentum habent in penultima. Reliqua omnia nomina cuiuscumque fuerint terminationis, generis erunt masculinini: nisi quod aliquando (ut apud Latinos) quaedam sunt irregularia, quorum genus facile ab eo, qui in Hebraica lingua progressus aliquos fecerit, inter legendum, vel ex adiuncto verbo, vel ex adiectivo cognoscetur» (p. 46v.<sup>o</sup>).

Acerca do número escreve o mesmo Quinquarboreus: «Numerum triplicem habent, singularem, ut  $\text{גְּדוֹל}$  magnus,  $\text{גְּדוֹלָה}$  magna. Plurabem, ut  $\text{גְּדוֹלִים}$  magni,  $\text{גְּדוֹלוֹת}$  magnae. Et dualem, ut a  $\text{יָד}$  manus,  $\text{יָדַי}$  duae manus. Formatur autem pluralis numerus masculinus subiungendo literam  $\text{ם}$  ultimae literae singularis, quae tunc

affici debet chirie magno, ut a שָׂר princeps in plurali שָׂרִים principes : in quibus accentum semper est in ultima. Foeminarum itidem pluralia numerus a singulari fit, mutando ה et camets in ות, ut a טוֹבָה, in plurali טוֹבוֹת bonae. Quae accentum etiam in ultima semper habent» (p. 47).

Também a parte relativa aos casos e à declinação merece a Quinquarboerus uma nota introdutória: «Nomina apud Hebraeos dumtaxat variantur e masculino genere in foeminium, quod adiectivorum proprie est, ut טוב bonus, טובָה bona, vel ex singulari in pluralem, vel dualem numerum, ut a טוב fit plurale טובים, a טובָה fit plurale טובות, a יד fit in duali ידיים. Sic de aliis. Casus cum in quovis numero nomina sint indeclinabilia, mox ex terminatione cognoscuntur, ut fit apud Graecos et Latinos: Sed praepositis articulis aut praepositione, dicunt סֵפֶר liber, תְּסֵפֶר, לְסֵפֶר libro, אֶת סֵפֶר librum, מִסֵּפֶר a libro» (pp. 47-47v.<sup>o</sup>).

Ao que Clenardo escrevera acerca da desinência dos nomes femininos (pág. 48), comenta Quinquarboerus: «Supple, sed illorum genus ex orationis contextu cognoscitur, vel ex verbo, vel ex adiectivo, cum quo coniunguntur» (p. 48).

Sobre o termo אֶרֶן o mesmo autor comenta que não se encontra na forma plural na Sagrada Escritura (p. 48v.<sup>o</sup>). Ao que João Isaac acrescenta: «Quamvis pluralis numerus huius vocabuli in Bibliis non reperitur, nihil tamen obstat, quo minus propter formam hic collocari debeat, cum praesertim apud doctissimos Rabbinos eum in usu esse invenimus: ut est videre apud Rabbinum Salomonem, Exod. 25. ubi bis eodem capite hoc nomen in plurali numero usurpatur» (p. 48v.<sup>o</sup>).

Quinquarboerus diz mais adiante que a palavra אֶלְמוֹת se encontra na sua forma feminina singular em Gén. 37 (p. 48v.<sup>o</sup>).

No capítulo relativo à «hemântica», encontramos um aditamento de João Isaac. Trata-se do vocábulo תְּרַחֶה que ocorre em Ex. 8 (p. 50). Por seu turno Quinquarboerus explica o termo ‘milra’ que é utilizado por Clenardo: «Per Milra, accentum in ultima intellige, et

per Millet in penultima» (p. 50). Ao que Isaac acrescenta: «Grammatici nomina quae in fine habent ך oemininum, vel Heemanticum hoc discrimine separant: quod illa accentum Milra, haec vero Millet semper habent, ut לִילָה תַרְסַח unde non recte nomina iis, quae ך Heemanticum habent, Clenardus annumerasse videtur» (pp. 50v.<sup>o</sup>-51).

Ao referir-se aos nomes «quiescentes» «Ain Vav», Quinquarboreus escreve: «Haec dictio potius thema est per se, quam a quiescente Aiin Vaf deducta, nam ך radicale potest esse, non autem pro ך subrogatum» (p. 52). E ao tratar dos nomes «quiescentes» «Lamed He» comenta: «Multa sunt in hoc ordine, quae ך tertiam radices mutant in ך aut ך mobile, ac fere formas perfectorum sequuntur» (p. 53).

Acerca do nome צא e outros, que pertencem à categoria dos compostos «Pe Iod Lamed He», aquele autor diz: «Horum duorum si in Bibliis reperiantur, rarus est usus» (p. 53v.<sup>o</sup>). E Isaac acrescenta outro: «Alterum haec forma תוּצֵאֵה Psalm. 68. reperitur» (p. 53v.<sup>o</sup>).

Entre os nomes de quatro letras João Isaac chama a atenção para זננים: «Est hoc nomen quatuor literarum, sed est nomen masculinum plurale, in quo additur ן et deducitur a זנה scortatus est» (p. 54).

Tratando das vogais mutáveis dos afixos dos nomes que têm na segunda sílaba, Quinquarboreus acrescenta em nota: «Vult dicere ך semper secundum suos canones mutari, quaecumque praecedat, aut sequatur alia motio» (p. 57v.<sup>o</sup>). Isto porque Clenardo na explicação dada não fora tão claro quanto seria para desejar.

Quanto aos nomes com «tsere» na primeira sílaba, ao que Clenardo dissera acerca da mudança de vogais, o mesmo Quinquarboreus faz o seguinte aditamento: «Mutatur .. primae syllabae ut ך eiusdem syllabe, existente .. secundum punctum, ut שִבְטָּ שִבְטִי, שִבְטִיךָ, שִבְטִיךָ, etc., servata analogia grammatica» (p. 57v.<sup>o</sup>).

João Isaac, por sua vez, ao falar dos nomes de seis pontos, como בְּנֶךְ, ou de cinco, como סִפֵּר ou daqueles que têm o «cholem» trata-se antes do «segol», como קוֹרֵשׁ chama a atenção para o facto de os nomes de cinco letras mudarem o ך em ך : «Pertinent huc etiam

nomina quinque punctorum, quae ob gutturalem etiam  $\text{ך}$  in  $\text{ח}$  mutant, ut  $\text{יִשְׁע}$ » (p. 60).

E Quinquarboreus a propósito dos nomes com «holem», escreve: «Holem sequente saegolin nominibus perfectis in  $\text{ח}$  cum affixis mutatur, nam in imperfectis tametsi non sequatur  $\text{ך}$  post cholem, cholem mutatur in  $\text{ח}$ , ut  $\text{הוֹלִי}$ , quod est ordinis quiescentium lamed he, ab  $\text{הוֹלִי}$  cum affixis facit  $\text{הוֹלִי}$  morbus eius,  $\text{הוֹלִי}$  morbus tuus, etc.» (p. 60v.<sup>o</sup>).

A respeito dos nomes femininos, o mesmo Quinquarboreus faz esta observação: «Pace Clenardi hoc dixerim, eo quod sint foeminina, quae vocalem ante  $\text{ח}$  mutant, ut  $\text{תוֹעֵבָה}$  abominatio, in regimine mutat  $\text{ח}$  primae syllabae sub  $\text{ע}$  in  $\text{ח}$ , (nam in polysyllabis foeminis non connumeranda est prima syllaba, quantum spectat ad motionum mutationem, nisi illae per canones masculinorum sint mutabiles) et dicitur  $\text{תוֹעֵבָה}$ .

Proverb. 8 et alias. Dictio porro  $\text{נִקְבָּה}$  quam Clenardus attulit, non in usu reperitur in statu regiminis posita aut composita cum affixis» (p. 63).

João Isaac, por seu lado, acrescenta: «Et si dictio  $\text{נִקְבָּה}$  non nisi statu absoluto signum in Bibliis usurpetur: tamen nomina eius formae (cuius rei gratia hic a Clenardo posita est) quam plurima reperiuntur: ut  $\text{הַשְּׁבָה}$ ,  $\text{בְּרָבָה}$ ,  $\text{תְּאֲנָת}$ ,  $\text{אַבְרָה}$ ,  $\text{שְׂאֵלָה}$  etc. quae omnia  $\text{ח}$  non mutant. Excipiuntur  $\text{נִבְלָה}$  quod in regimine habet  $\text{נִבְלָת}$  in affixis  $\text{נִבְלָתוֹ}$  Levit. 5. Deuteron. 21.  $\text{בְּהִמָּה}$  in regimine  $\text{בְּהִמָּת}$  Deuteron. 3.  $\text{לְבִנָּה}$  in regimine  $\text{לְבִנָּת}$  in plurali  $\text{לְבִנָּיִם}$  more masculul» (pp. 63-63v.<sup>o</sup>).

A partir da pág. 64 v. da edição de 1581 encontramos um longo extracto de João Isaac sobre as letras «serviles», o qual não figura na de Clenardo, de 1529. Pela importância de que se reveste, aqui a transcrevemos na íntegra: «Cum harum literarum in lingua Hebraea nusquam non maximum usum, et proinde necessarium quoque cognitionem esse videremus, operaepretium facturos nos rati sumus, si

quod in hac Grammatica hactenus praetermissum est, brevem quandam de eis tractatiunculam in gratiam studiosorum interferendam curaremus. Nam etsi omnes Hebraeorum literae ad thematis constitutionem aptae sint, tamen undecim ex eis, nimirum **בְּשׁ, הַיֵּל, אֵב, הַקּוֹן** extra

compositionem, hoc est, cum ad servitium (ut aiunt) adhibentur, alia saepenumero officia subeunt. Ac quidem quomodo quarundam ex iis adminiculo cum tempora verborum et personae, tum pronomina quoque obliqua tam in nominibus quam in verbis formentur, suo loco satis superque visum est. Nos septem tantum literarum **מִשָּׁה וּבְלָב**

quae hucusque nondum explicata sunt officia deinceps perstringemus».

E prossegue João Isaac: «**מִן** Quemadmodum **מִן** cum chirie sequente dages per crasim loco praepositionis **מִן** in infinitivo verborum ponitur,

eodem modo omnibus etiam nominibus potest adhiberi: Exempli gratia **מִבֵּית** e domo. Caeterum ante literas gutturales et res accipit

.., ut **מִחֲדָר** e cubiculo, **מִהַיֵּל** e templo. Praeterea gradum quoque

comparationis Hebraei per hanc literam circumloquuntur: ut, **טוֹב שֵׁם**,

**מִשְׁמֵן וְטוֹב** id est, melius nomen, scilicet bonum, oleo bono, **טוֹב**

**מִחֲרוֹץ** praestantior auro pretioso».

Acerca do **שׁ** escreve: «**שׁ** in principio dictionis plerumque accipitur pro relativo **אֲשֶׁר** qui, quae, quod, habetque ut plurimum sub se, **שׁ**,

ut **מִן הַרְחֵצָה שָׁעָלוּ** qui ascenderunt e balneo. Licet pauca quaedam cum **שׁ**, **שׁ** et scheva reperiantur. Interdum vero et quod causae significat».

Sobre o **ה** diz: «**לְהוֹדִיעַת הַדְּבָר**, id est, ad indicandam demons-

trandamque rem, in initio adhibetur, et fere patach habet sequente dagesch; ut **הַפֶּה** hoc os; praeterquam ante **אֵר** ubi camets recipit,

ut **הָאָזֶן** illa auris, **הָעַיִן** ille oculus, **הָרֹאשׁ**, hoc caput. Nonnunquam

vero cum **ה** punctatur, vocaturque **הָאֵל הַשְּׂאֵלָה** vel **הָאֵל הַתִּימָה** id est,

He interrogationis, seu He admirationis, ut **הַבַּת הַשְּׂעִים שְׁנָה** Num

filia nonaginta annorum? Quamvis ante gutturales literas et schevatas etiam hoc הֶּ recipit, ut הַעֵת num tempus? הַכְּמוֹת נִבְּלֵי num sicut moritur debulo? Caeterum quando gutturalis ipsa camets habet utrunque הּ, tam admirationis, quam demonstrationis, saegol accipit, ut הַהִיתָהּ num factum est? הַעֲשֵׂן ille fumus?». Mas acrescenta: «Excipiuntur parvae dictiones, ante quas הּ demonstrativum suum ךּ retinet, ut הַרְהֵהּ ille mons, הַעֵם ille populus».

A respeito do ךּ comenta: «Vocatur a grammaticis הַחֲבוּר הַיּוֹ, id est, vaf copulativum, quod tam verba quam nomina, dictionesque coniungat ac copulet: ut נִרְדַּד צְדוֹק הַכֹּהֵן וְנָתַן הַנְּבִיאַ וּבְנֵיהוּ בֶן יְהוֹיָדָע וְחֶרֶתִי וְחֶפְלֵתִי וְנִרְכִּיבוּ אֶת שְׁלֹמֹה עַל פְּרֻדַּת הַמֶּלֶךְ דָּוִד. (sic) וַיֹּלִיכוּ אֹתוֹ עַל גְּחִיחֹן וּלְמַעַן וְיָסַפֵּר (ao lado: Exemplum quod ante מְלֵךְ quoque serviat ךּ copulativum)». Et propterea narrabis».

E continua Isaac: «Atque cum huiusmodi officium subit omnia puncta praeter cholem kybbuts, et ea quae rapta vocantur, admittit: quanquam naturale eius punctum est scheva. Porro quoties duo nomina coniungit, camets possidet, ut קִיץ וְחֵרֶת Aestas et hymes. Ante literas בְּמַת et quae ipsae scheva habent in ךּ commutatur: ut וּבֹקֶר et mane, וּמָחָר et cras וּפְנֵא וְרִבֵּשׁ et balsamum et mel. Verum quum ad iod scheva affectum est, accidit, chiric accipit, in quo tanquam longa vocali ipsum iod quiescit, ut יָמִין dexter, וְיָמִין et dexter. Ante literas gutturales, quae punctis raptis notatae sunt, semper punctum affine puncto ipsius gutturalis recipit, ut וְחֲצֵרוֹת et atria וְאֱלִיל et idolum וְאֲנִי et navis. Excipitur nomen אֱלֹהִים,

ubiperpetuo habet tsere, ut **וְאֱלֹהִים** et Deus. Postremo nonnunquam praeteritum per vaf in futurum vertitur, ac tum scheva suum retinet, ut **וְאָכַל** et comedet: praeterquam ante literas schevatas, ante quas, ut dictum est, ך accipit, ut **וְשָׁמְרֶתֶם** et custodietis. Rursus futurum in praeteritum habetque patach, ut **וַיִּשְׁמֹר** et custodivit. Ante א cum camets punctatur, ut **וְאִשְׁמֹר** et custodivit».

Acreea do ב escreve: «A fronte plerunque est adverbium similitudinis, sicut, secundum, instar, ut **בְּצִפּוּרֵי עוֹפוֹת** sicut aves volantes. Interdum vero et coniecturam denotat, idem valens quod fere vel circiter, ut **בְּאַלְפִים אִישׁ** circiter duo millia virorum».

Segue-se o ל: «Nunc genitivi, nunc dativi, aliquando et accusativi articulus est, quemadmodum ex verborum contextu et sententiae commoditae facile est deprehendere. Significat etiam motum ad locum, ut **לְעִיר** in civitatem».

E finalmente vem o ב: «Initio facit praepositionem In et Cum, ut **בְּבַיִת** in domo, **בְּצֹאן** cum grege. Aliquando ablativum instrumenti, ut **בְּמִקְלִי** baculo meo».

João Isaac fala depois dos pontos das letras **בְּלָב** em geral: «Quantum ad punctandi rationem harum literarum attinet, prorsus cum vaf conveniunt. Hoc solum observandum est, quod quando patach sub se habent, He demonstrationis includant, ut **בְּבֵיס, בְּבוֹס, בְּבַעַס**. In crumena, in poculo, in ira, scilicet hominis cognoscitur, pro **בְּהַבַעַס, בְּהַבֵּיס, בְּהַבוֹס**. À margem apôs esta nota: «Elegans *προσοθνομασία* qua Hebraei utuntur».

Ao tratar-se dos afixos dos nomes «Ain Vav», João Isaac chama a atenção para o substantivo **שִׁשׁוֹן**: «שִׁשׁוֹן in regimine camets in scheva mutat, ut videre est Psal. 51 **שִׁשׁוֹן יִשְׁעֶךָ** laetitiae salutis tuae. item Psal. 119 **שִׁשׁוֹן לִבִּי** laetitia cordis mei (p. 69).



No capítulo relativo aos afixos dos verbos, Quinquarboreus escreve a propósito de הָּ e de הָּ : «Duo illa cum nominibus quiescentibus lamed he potissimum componuntur» (p. 74). E João Isaac: «Imo in aliis quoque usitatissima sunt: ut יְקוּם אֶרְהוּ exortetur lumen eius Iob 25. מוֹטְהוּ אֲשָׁבֹר frangam vestem eius. Nachum I. פְּלִיִּשְׁהוּ concubina eius. Iudic. 19. et multa huiusmodi» (p. 74).

Mais adiante Quinquarboreus escreve acerca das letras אַחֲרֵי : «Sunt enim literae אַחֲרֵי actu aut potentia semper in motionibus magnis» (p. 75v.<sup>o</sup>).

Um ligeiro pormenor é apontado por João Isaac acerca dos nomes פְּקַדְהוּהוּ e פְּקַדְתָּן : «Nisi quod illud octo recipit affixa, hoc tantum sex» (p. 76).

À afirmação de Clenardo, segundo a qual todas as restantes formas verbais, além do futuro, recebem os afixos como o imperativo, Quinquarboreus explica: «Id est, persona יְפַקְדֵּי omnia recipit affixa, quae imperativus פְּקַדְיָ, et ad haec pronomina secundae personae, ut hic a Clenardo expressum est, quae imperativo non iunguntur, quia secundis personis pronomina secundae personae non solent adhiberi, et primis pronomina primae» (pp. 78v.<sup>o</sup>-79).

Quanto às partículas indeclináveis, que também recebem afixos, Clenardo empregara como exemplo אַחֲרֵי. Quinquarboreus explica assim o pensamento do humanista flamengo: «Id est, expressis patach sub אַ et cateph patach sub הָ, haec particula אַחֲרֵי habet אַ tertiam literam ante affixa eodem omnino modo notatam, quod est הָ in hoc plurali nomine masculino יְבָרִים quando cum affixis componitur» (p. 82).

E finalmente vem a explicação de Quinquarboreus acerca dos pronomes inseparados וְ e הֵן : «Id est, pronomina inseparata וְ et הֵן possunt adhiberi huic particulae, ut הֵן» (p. 83). Clenardo apenas dissera: «Sic וְ et הֵן, reliqua ut בֵּית».

A edição de 1581 conclui com uma dedicatória ao leitor da autoria de João Isaac e com o texto dos Salmos 6, 32 e 130 em hebraico e em latim.

Começando pelos Salmos, verificamos que há certas diferenças nas versões latinas feitas em relação à Vulgata.

Assim, por exemplo, no Sal. 6, 3, a Vulgata traduz: «miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum», enquanto a incluída na Gramática de Clenardo apresenta a seguinte: «...quoniam debilis sum». No Sal. 31,1 as diferenças são estas: a Gramática tem: «Beatus cui condonatum est delictum, et cui obiectum est peccatum»; a Vulgata: «Beati quorum remissae sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata». O Sal. 132, 2: «Domine, exaudi vocem meam. Fiant aures tuae intendentes in vocem deprecationis meae» (Vulgata) e a Gramática de Clenardo: «Domine exaudi vocem meam, sint aures tuae intentae ad vocem deprecationum mearum».

Aqui damos a interpretação do texto em hebraico da dedicatória ao leitor embora, devido a certos erros de impressão, não seja possível fornecer a versão na íntegra. Note-se que aí João Isaac se lamenta de que o tipógrafo não compôs com exactidão os Salmos dum aluno seu. Assim se compreende, talvez, que o mesmo tipógrafo não desse a devida atenção ao texto final do mesmo João Isaac.

- 1 — Há dois anos um dos meus discípulos, rude
- 2 — de espírito, traduziu (alguns) Salmos
- 3 — da língua hebraica para a língua latina, e sem eu saber
- 4 — entregou-(os) ao tipógrafo para que os pusesse «em veste»
- 5 — de gramática. E pelo facto de não ser devidamente entendido
- 6 — em língua hebraica (também não mos mostrou)
- 7 — resultou um juízo acerca deles perverso. Eu agora
- 8 — para tua utilidade alterei-os...
- 9 — de lugar (?) para afastar o escândalo do meu povo. Tu
- 10 — receberás com ânimo benévolo, e julgarás cada
- 11 — palavra com espírito favorável e dirás
- 12 — como dissera aquele homem
- 13 — Gamzu: também isto
- 14 — é para bem.

A última parte, onde aparece a data, também não se consegue interpretar em todos os pormenores.